

RESENHA

Os capuchinhos do Rio Grande do Sul, de Rovílio Costa e Luís Alberto De Boni

(Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/Correio Riograndense, 1996)

Moacyr Flores

Rovílio Costa e Luís Alberto De Boni selecionaram e reuniram em forma de coletânea textos de memórias, crônicas e registros cronológicos dos freis capuchinhos que, desde 1896, dedicaram-se à difícil tarefa de iniciar e de manter sua missão nas colônias italianas, criando seminários, paróquias, capelas, escolas, hospitais, serviço de alto-falantes, rádios e periódicos.

O livro, com 868 páginas, é uma fonte de informações para a história da Igreja, reconstituição das mentalidades dos religiosos e dos leigos, bem como para a elaboração das relações entre os diferentes segmentos sociais e transculturação entre descendentes de italianos e de lusos brasileiros nos campos de Cima da Serra.

O livro divide-se em 29 capítulos, de acordo com as áreas de atuação dos capuchinhos. No primeiro apresenta o histórico dos capuchinhos franceses de Sabóia e sua vinda para Conde D'Eu (Garibaldi), onde tudo começou.

Os fragmentos de memórias escritas por frei Rafael de la Roche, Bruno de Gillonnay e Leão de Montsapey mostram as diferenças entre a religiosidade dos italianos, mais obedientes aos sacerdotes, e dos luso-brasileiros que são orgulhosos e querem saber onde o dinheiro recolhido será aplicado. Entre os italianos os bailes foram proibidos, mas quando os capuchinhos quiseram fazer o mesmo nos bailes populares das festas religiosas dos serranos, foram desrespeitados e até ameaçados.

Rovílio relata a formação da imprensa católica na área colonial e seu papel cultural e político, bem como da criação da Fraternidade S. Francisco de Assis. Há três memórias sobre a chegada das irmãs de S. José e dos Lassalistas.

O segundo capítulo contém memórias sobre a construção do convento de Nova Trento (Flores da Cunha), da casa de Noviciado e das paróquias.

As atividades dos capuchinhos em Esperança, no convento e na paróquia, constituem o terceiro capítulos.

O quarto capítulo trata dos capuchinhos em Alfredo Chaves (Veranópolis), onde se destacam a construção da gruta de Nossa Senhora de Lourdes e do seminário. Há o relato do episódio da bomba na parede da frente do convento, no dia em que os carbonários festejavam a tomada de Roma, que resultou na prisão de Luiz Vigliercio, que se intitulava doutor.

No capítulo quinto, destacam-se as memórias do frei D'Apremeont e as crônicas de Dalcin Barbosa, relatando o histórico, formação de paróquias, as festas e as missões populares.

O mais extenso é o capítulo sexto, contendo as atividades dos capuchinhos em Porto Alegre, desde 1903, no Seminário Diocesano até a formação da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. Trata também das variadas atividades nas paróquias, leprosário, amparo Santa Cruz, rádio difusão, centro de produções e edições.

Do capítulo sétimo ao décimo oitavo há várias memórias e relatos sobre as paróquia e formação de ginásios, rádios, hospitais e seminários nos municípios do Rio Grande do Sul.

Do capítulo décimo nono ao vigésimo quarto há relatos sobre as atividades dos missionários capuchinhos do Rio Grande do Sul em vários pontos do Brasil.

O vigésimo quinto trata do retorno às raízes, até Sabóia. O seguinte relata o acontecimento de ter freis gaúchos na vice-presidência da América Central. O seguinte transcreve o acompanhamento dos freis capuchinhos aos assentamentos em Encruzilhada do Sul. Os dois últimos capítulos sintetizam a idéia do livro e as atividades dos missionários.

Ao longo da obra há vários trechos sobre a construção de capelas e igrejas, que indicam o despreparo dos párocos que impõem oragos e até local de construção, gerando descontentamentos por desconhecerem as mentalidades e interesses dos paroquianos.

Costa e De Boni foram honestos na seleção de textos, pois apresentam tantos os que louvam o papel da Igreja como aqueles que mostram a rigidez

de determinados párocos ou missionários impondo regras de comportamento, exigindo disciplina, provocando reações dos espíritas, maçons e protestantes, principalmente quando os freis criavam escolas, jornais e rádios que auxiliaram a desenvolver o ensino e a educação nas comunidades do interior. Essas lutas não são apenas religiosas, mas contém implicações políticas com as seções locais dos partidos.

O livro apresenta ainda referências bibliográficas e um índice onomástico. Faltou um índice temático que facilitaria a busca de dados, pois é uma grande obra para consultas.